

INTRODUÇÃO À PRIMEIRA EDIÇÃO

I

Este é um dos livros mais interessantes que li nos últimos anos sobre nossa profissão. Ele é único, acredito, na medida em que procura pela primeira vez apresentar um estudo abrangente, feito por um bibliotecário que tem uma mente inconfundivelmente indiana, e que faz refletir a própria cultura de seu povo nas teorias básicas da arte da difusão dos livros como ela é entendida no moderno mundo das bibliotecas. Para quem é recém-chegado à nossa profissão talvez cause surpresa o tanto que se pode extrair de algo que, à superfície, parece ser um ofício tão simples, mas uma leitura atenta das páginas do Sr. Ranganathan propiciará ao iniciante uma compreensão profunda do tema.

O Sr. Ranganathan está extraordinariamente dotado para a empresa a que se propôs. Faz alguns anos ele esteve, por um período de tempo, sob a orientação de professores assistentes da School of Librarianship da University of London, quando se aproximou particularmente de mim. Percebi que era homem de notável cultura, muito original em seu modo de ver, persistente e incapaz de se desviar de suas investigações, e que, prudentemente, acatava quaisquer sugestões que lhe fossem apresentadas. Não somente assistiu às aulas de biblioteconomia na University of London, mas estudou intensamente os serviços de bibliotecas de todos os tipos, visitando-as em várias partes do país. Por algum tempo, estudou diariamente nas bibliotecas públicas de Croydon, onde eu observava seu trabalho com interesse. Ele examinou os processos de cada departamento e empregou muito tempo analisando-os e criticando-os. Ao longo de toda essa jornada, buscava as razões subjacentes a todos os nossos fazeres.

Não estava interessado somente em livros e bibliotecas, e usou parte do seu tempo de lazer para examinar os métodos pedagógicos adotados nas escolas das cidades e as relações destes com as bibliotecas. Seu modo crítico de ver era tão profundo que ele resolveu partir para a elaboração de uma nova classificação bibliográfica. Esta classificação, como ele nos diz mais adiante neste volume, é empregada na biblioteca da universidade de Madras, e em algumas outras bibliotecas da Índia, que começam a classificar seus acervos.

Este programa de estudos e esta atitude mental não poderiam deixar de resultar na preparação de um tipo de bibliotecário, cujo trabalho se tornaria importante. A obra que temos em mãos é prova disto.

II

A prática da biblioteconomia precedeu de muito a formulação de quaisquer leis. Em todas as profissões, naturalmente, o mesmo acontece. É só lentamente e a partir da experiência contínua dos profissionais que uma teoria pode ser deduzida e enunciada. Nossa profissão pode reivindicar, entretanto, ser uma das mais antigas do mundo, e alguns dos processos bastante comuns que hoje se mostram tão aperfeiçoados, a ponto de o Sr. Ranganathan ser capaz de formular seus resultados como 'leis', existiam em forma embrionária nas bibliotecas assírias e provavelmente em outras mais antigas. Os catálogos de tabuletas de argila do British Museum provam-nos que havia então não somente bibliotecas, mas uma biblioteconomia sistemática. Anos mais tarde, mas ainda em tempos antigos, o trabalho de bibliotecários, como Calímaco, nas bibliotecas dos faraós, apresenta métodos de gestão, especialmente na classificação dos livros, que surpreendem os bibliotecários modernos que os estudaram.

Cada uma das grandes nações do passado teve suas bibliotecas públicas, mesmo que seu uso fosse às vezes limitado a certas classes da comunidade, e, na anarquia geral da civilização européia, que se seguiu à queda do Império Romano Ocidental, os mosteiros ainda preservaram e ampliaram suas bibliotecas.

A história das bibliotecas foi muito influenciada por esta preservação dos livros nos mosteiros, pois durante séculos as bibliotecas estiveram circunscritas a escolas superiores e outros estabelecimentos fechados, e seu uso era restrito aos ocupantes dessas instituições. Preservar o livro era de importância igual ou maior do que fazer com que fosse usado. Esta mentalidade vem desaparecendo desde meados do século XIX. As grandes bibliotecas do mundo, com variados graus de generosidade, foram abertas para leitores externos, e a atitude do *conservateur* cedeu lugar àquele que me arrisquei a chamar alhures de explorador de livros [*exploiter of books*] por julgar ser esta a descrição apropriada do bibliotecário.

O principal fator da atitude moderna diante das bibliotecas e dos livros tem sido o que é conhecido na Inglaterra e nos Estados Unidos como 'bibliotecas públicas'. Este termo tem hoje um sentido bem diferente do que tinha antes de 1850. Então, as bibliotecas eram públicas mais no sentido com que as *public schools** da Inglaterra são públicas; quer dizer, o seu uso estava

* Escola particular mantida pelos pais dos alunos, oriundos, na maioria, das classes privilegiadas. A escola pública mantida pelo Estado chama-se, no Reino Unido, *local school* (N.E.).

em muito limitado às classes governantes. A biblioteca pública moderna é uma instituição municipal, sustentada pelos municípios para uso gratuito pelos cidadãos sem discriminação. Eram anglo-saxônicas em sua origem, e surgiram quase ao mesmo tempo na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Essas bibliotecas são agora formadas com o emprego de técnicas próprias, e, em muitos casos, contam com um grande acervo de livros e, literalmente, milhões de leitores.

Um dos fatores sociais mais significativos da segunda metade do século XIX e do primeiro quartel do século XX foi o desenvolvimento amplo do hábito da leitura entre os povos ocidentais. Até mesmo as nações mais conservadoras da Europa desenvolveram sistemas de bibliotecas mais ou menos de acordo com o modelo anglo-saxão.

III

A visão moderna das bibliotecas, portanto, é a que considera toda a população como sua clientela. Até mesmo em bibliotecas universitárias e especializadas, em quase todos os lugares, os estudantes sérios dispõem sem dificuldade dos recursos da biblioteca. Esta é a atitude que, espero e acredito, assumirá o bibliotecário, na Índia. Deve ficar bem claro, entretanto, que regras ou noções universais devem sempre receber um tratamento local e individual. Não acho que os métodos das bibliotecas dos Estados Unidos, por mais que eu as admire, sejam completamente adequados para a Europa, ou até mesmo para a Inglaterra. A psicologia dos povos varia, e variantes da prática bibliotecária devem ser feitas para adequar-se a este fato. Mais ainda entre os povos da Índia, com sua imensa história, fortes tradições, e distintas características étnicas, a aplicação pura e simples das idéias anglo-saxônicas a algo tão íntima, pessoal e espiritual como a literatura, sem modificação, pode não ser sensata. Tive muitos estudantes estrangeiros nas bibliotecas de que cuidei, e sempre procurei convencê-los de que o que eles aprendem de nós deve sempre ser examinado cuidadosamente à luz das necessidades de seus próprios países de origem. Sinto que isto é imensamente importante para a Índia.

Isso, em minha opinião, dá um valor especial à obra do Sr. Ranganathan. Ele trata de todas as questões que ocupam as mentes dos bibliotecários europeus. A seleção de livros, com uma mente universal que determina que todos os lados devem ser ouvidos, e que nenhuma preferência pessoal terá influência indevida; os melhores métodos para mobiliar e equipar bibliotecas; uma descrição ponderada sobre o que pode ser proporcionado pelo catálogo e pela classificação: isto será óbvio para o leitor. Ele escreve, ademais, como um educador — como deveriam ser todos os bons bibliotecários —, e espero que tenha deixado bem claro que o desenvolvi-

mento de uma nação culta, com um profundo amor por sua grande literatura e um entendimento correto da importância dos livros, deve começar com o atendimento criterioso e generoso das crianças.

No Ocidente, toda criança é um leitor em potencial. Também deve ser assim no Oriente, mesmo em lugares onde as crianças ainda não tiveram a oportunidade de ler o bastante ou ter acesso aos livros.

IV

Um experiente bibliotecário norte-americano observou certa vez que uma tora de madeira com um livro numa ponta e um bibliotecário na outra faria uma perfeita biblioteca. Era, naturalmente, um exagero pitoresco, mas é o elemento pessoal que o bibliotecário traz para a biblioteca que lhe dá sua vitalidade; muitas bibliotecas, infelizmente, carecem de vitalidade; têm funcionários, mas não têm bibliotecários. O espírito do bibliotecário autêntico nunca foi descrito com mais beleza ou sabedoria do que no epitáfio escrito por Austin Dobson para Richard Garnett, um dos maiores bibliotecários do século XIX:

Dele podemos falar merecidamente, — Aqui estava alguém
Que sobre a maioria das coisas sabia mais que todos;
Que amava aprender de tudo sob o sol,
E olhava para cada aprendiz como se fosse um irmão.

As implicações disto são suficientemente profundas para chamar à modéstia o mais consumado bibliotecário. Isto implica que o bibliotecário deve ser uma pessoa de mente aquisitiva, que não fecha a mente para nenhum assunto de interesse humano. É sempre um aprendiz; deve estar sempre alerta e acolher qualquer desenvolvimento do pensamento humano e toda aventura do espírito humano. Deve, portanto, ser uma pessoa educada não somente no sentido geral, mas em toda operação e processo da biblioteca. Deve amar o próximo. Quando jovens me procuram como aspirantes ao trabalho bibliotecário, pergunto-lhes: "Vocês gostam de livros?" Invariavelmente respondem que gostam, mas pergunto-lhes em seguida: "Vocês gostam de gente e de servir às pessoas?" Rejubilo-me de que na Índia haja pessoas que atualmente tomaram em suas mãos o papel de selecionar e treinar bibliotecários. Não conheço profundamente a situação do país em matéria de bibliotecas, mas com suas grandes literaturas, tão variadas, haverá sem dúvida muitos campos de pesquisa e muitas possibilidades bibliotecárias até o momento não sonhadas nem mesmo pelos indianos.

Eis, portanto, um livro que pode servir de inspiração para todos aqueles que, em posição mais elevada ou mais humilde, servirão à Índia em suas bibliotecas. Concebido com um espírito aberto e generoso, deve entusiasmar quem ingressa em nossa profissão naquele país com as imensas, embora nem sempre impressionantes, possibilidades de uma biblioteca. Mostrará que ela não é meramente uma coleção de livros que acumula idade e pó, mas um organismo vivo e em crescimento, que prolonga a vida do passado e a renova para a geração presente, mas que também dá a esta geração o melhor que seus próprios pesquisadores, pensadores e sonhadores têm a oferecer.

W.C. Berwick Sayers

Bibliotecário-Chefe, Croydon

Professor da School of Librarianship da University of London
Examinador de organização de bibliotecas da Library Association